

## Por que querer ser homem? Uma leitura de *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes

---

### *Why want to be a man? A reading of A bolsa amarela (1976), by Lygia Bojunga Nunes*

Jéssica Haase\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

254

---

Wilberth Salgueiro\*  
Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

**RESUMO:** A proposta é analisar a obra *A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes, discutindo aspectos que envolvam liberdade, gênero, machismo, violência e opressão, a fim de repensar criticamente práticas sociais para um definitivo rompimento simbólico: de ter uma bolsa leve, vazia de vontades. Para isso, tendo como horizonte teórico principal o livro *Feminismo em comum: Para todas, todes e todos* (2018), de Márcia Tiburi, *A dominação masculina*, de Pierre Bourdieu e o texto *O discurso feminino em A bolsa amarela: a busca pela libertação da mulher* (2011), de Sirlene Cristóvão. A pergunta que se impõe, e pede esclarecimento, é: por que Raquel, a protagonista, quer ser homem?

---

\* Graduanda em Letras-Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

\* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infantil-juvenil. Lygia Bojunga Nunes. *A bolsa amarela*.

**ABSTRACT:** The proposal is to analyze *A bolsa amarela* (1976) of Lygia Bojunga Nunes, discussing aspects involving freedom, gender, sexism, violence and oppression, in order to critically rethink social practices for a definitive symbolic break: to have a lightweight bag, empty of wills. For this, having as main theoretical horizon the book *Feminismo em comum: Para todas, todos e todos* (2018), by Márcia Tiburi, *A dominação masculina*, by Pierre Bourdieu and the text *O discurso feminino em A bolsa amarela: a busca pela libertação da mulher* (2011), by Sirlene Cristóvão. The question that needs to be asked, and asks for clarification, is why does Rachel, the protagonist, want to be a man?

**KEYWORDS:** Children's Literature. Lygia Bojunga Nunes. *A bolsa amarela*.

## Os problemas na bolsa (verde) amarela

*A bolsa amarela* (1976), de Lygia Bojunga Nunes, é um livro infantojuvenil que mostra a trajetória de libertação de sua personagem principal - Raquel. Libertação que se refere ao fato de ao longo da narrativa ela almejar ser homem e ao final esse desejo cessar. A personagem carrega todas as vontades em uma bolsa amarela, presente da tia, às vezes essas vontades engordam tanto que a bolsa não aguenta o conteúdo e os desejos saem da mala, trazendo certas adversidades para a personagem. O livro segue o compromisso de discutir questões de gênero, opressão e machismo e por várias vezes Raquel afirma querer ser homem. A pergunta que se impõe, e pede esclarecimento, é: por que Raquel, a protagonista, quer ser homem?

Mesmo sendo um livro de literatura dirigido a crianças e jovens, Lygia propõe temas relacionados ao contexto social. Sem deixar de lado a realidade empírica, há o mundo imaginário, com galos e alfinetes falantes e também há os tensionamentos críticos e sociais na narrativa, que remetem ao grave momento político brasileiro e as violências simbólicas direcionadas às mulheres. A autora, mesmo em época de ditadura pesada, em que o Brasil estava sob o comando do general Ernesto Geisel (1974-1979) e em contexto da América Latina em que os países eram comandados por ditaduras militares, não deixa de lado a luta para a libertação da mulher. Outras obras propõem críticas em

tempos de tão graves violências, como *O reizinho mandão* (1973), de Ruth Rocha, *O rei que não sabia de nada* (1980), de José Carlos de Brito e Ruth Rocha. Nesses livros emergem críticas constantes ao momento de produção artística, em que os autores ironizam, carnavalizam e denunciam os sistemas de dominação social. Em *A bolsa amarela* há também as marcas destas alegorias, mas o foco central da obra é pensar a dominação feminina, frente a uma cultura patriarcal em plano século XX, em plena ditadura. É sabido a reflexão de Walter Benjamin em sua tese VII “Nunca há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento de barbárie.” (BENJAMIN, 1940 apud LÖWY, 2014, p. 70), de acordo com Löwy, ao invés de Benjamin opor cultura e barbárie, as apresenta em uma unidade contraditória e dialética. Como os bens culturais não estão livres das barbáries - os grandes monumentos nos revelam isso - é possível pensar *A bolsa amarela* como documento de cultura e de barbárie, tornando-se um instrumento - a contra pelo - de denúncia ao caos constante na sociedade que se diz civilizada, caos referente às incessantes violências que as mulheres são submetidas, com o intuito de esvaziar não só a bolsa de Raquel, mas de todas as garotas reprimidas.

### Indagações de e sobre Raquel

Lygia Bojunga é conhecida por seus livros com personagens crianças meninas, em *A bolsa amarela*, especialmente, a importância se dá pelo reconhecimento como menina/mulher e pela luta por igualdade e liberdade de gênero. O livro incorpora um debate a partir de pequenos passos para a quebra de papéis definidos em sociedade e para uma sociedade mais igualitária em suas relações de gênero, pois, como afirma Marcia Tiburi, em *Feminismo em comum*,

[...]as pessoas são obrigadas a desempenhar papéis a partir de signos que são administrados e manipulados, como se fossem caixas que põem as coisas em um lugar no qual é mais fácil dominá-las. Neste momento, as exigências de desempenho que pesam sobre as mulheres são imensas, e elas não têm muita chance, mesmo quando aderem à ideologia meritocrática. As mulheres serão constantemente

preteridas e talvez, de antemão, nem se coloquem em disputa com um homem, porque já se acostumaram a um lugar subalterno e negativo nessa ordem. (2018, p. 61).

É contra esses papéis - que as pessoas são obrigadas a desempenhar em sociedade - que a personagem principal de *A bolsa amarela* se insurge. No caso de Raquel, ela sabe do lugar subalterno em que está inserida e por vezes contesta este lugar. Logo no começo do livro, Raquel afirma o desejo de querer ser garoto, e faz isso por mais seis vezes durante a narrativa. Não só a vontade de ser menino, mas a vontade de crescer e de escrever aparecem constantemente. Em certo momento, a menina afirma para seu irmão: “[...] porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher. [...] vocês podem um monte de coisa que a gente não pode. [...]” (NUNES, 1984, p. 16). A menina coloca esses desejos em uma bolsa, que por vezes engordam tanto ou ficam tão grandes, que acabam saindo da bolsa, causando certos problemas com sua família, o que a faz constantemente se questionar sobre os papéis femininos. Raquel está inserida em uma sociedade de identidades definidas para meninos e meninas. Diz Zandra Argüello, na dissertação *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*:

Essas identidades têm sido pautadas por oposições binárias masculino-feminino, em que a identidade masculina é colocada em patamar de superioridade em relação à feminina, gerando relações desiguais entre os gêneros, vistas muitas vezes como “naturais”. Não corresponder a essas expectativas sociais e resistir a elas é geralmente considerado como um problema ou defeito social por parte de quem ouse questionar e se contrapor a tais situações. (2005, p. 30)

E este é o caso de Raquel: mesmo sendo uma criança, ela contesta “as formas de classificação” já definidas para ela e para o gênero oposto e por vezes sente-se alheia em sua própria casa “ninguém aqui em casa tem paciência comigo” (NUNES, 1984, p. 12). Por consequência, surge a questão do feminino e sua posição na sociedade. Desde criança os lugares sociais já estão marcados, incluindo o jeito de agir até as brincadeiras. Com precisão, Chimamanda Adichie fala que “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos” (ADICHIE, 2015, p. 36). E esse

é o grande ponto para a personagem: ela quer ser homem, seduzida pelos papéis sociais definidos como “de homem”, pela liberdade que os garotos têm. Na obra de Lygia, a posição feminino/masculino e escritora/mulher tem grande destaque. Em uma das falas, fica evidente o descontentamento de Raquel sobre as tarefas atribuídas aos gêneros:

Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe para as brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem ser chefe de família: sempre é o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear e fica burra: todo mundo tá sempre dizendo que vocês têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter tudo. Até para resolver casamento - eu não te vejo - a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina. (NUNES, 1984, p. 16).

Outro papel pré-estabelecido e contestado na narrativa é o do galo Rei: ele não se contenta em ter que “mandar” nas galinhas, ele deseja a liberdade delas:

258

Então eu chamei minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas as noite e dia. Mas elas falaram. “Você é nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente.” Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir perguntar: “Eu posso?”. E eu respondia: “Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve você como você achar melhor”, elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter dono mandando que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho. (NUNES, 1984, p. 35)

Interessante observar que também os papéis masculinos de dominação são contrariados por um personagem do gênero “oposto”. O discurso dissidente em relação ao que é maciçamente pregado é importante. O lugar de mudança também cabe ao outro gênero, e os efeitos simbólicos de uma fala como a deste personagem contribuem para uma construção de mudança, pois é preciso desconstruir as estruturas de dominação masculina, e essa desconstrução também deve partir do sexo masculino.

## Escrita e emancipação

Também a vontade de a protagonista querer ser uma escritora é um fato da narrativa bem relevante para a reflexão. Em certo momento ela afirma este desejo, porém o contexto ainda é adverso, de hegemonia masculina:

[...]Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje eu tô achando que é a vontade de escrever. [...]Pra me distrair do escuro eu ficava fazendo de conta que eu não era mais eu. Ia inventando como é que eu me chamava:

Reinaldo

Arnaldo

Aldo

Geraldo

Eu era um deles. Jogando futebol, trepando em árvore, soltando pipa, sendo escritor (quem sabe era melhor ser músico?), resolvendo sozinho, ninguém me dizendo:

– É pra homem.

– Por quê?

– Porque sim.

– Porque sim não explica nada. Me explica!

– Depois.

– Quando?

– Depois.

Pedro

Antônio

Pedro Antônio ou só Antônio?

Pedro só

Mas o depois demorava, demorava, quem diz que chegava? e eu continuava inventando:

Roberto

Alberto

Norberto

Gilberto

pra ver se acabava dormindo e a noite passando. (NUNES, 1984, p. 11, 102).

Mesmo sendo criança, a protagonista sente-se infeliz e injustiçada pelo papel social que acha não poder exercer, e que na realidade, em sua maioria, é exercido pelo homem: de ser escritor. A escrita, que é direito de todos, ainda hoje é valorada apenas ao sexo masculino. Mesmo produzindo sua escrita criativa, sente que não tem valor e que não pode atingir a profissão de escritora, por ser ela que escreve, e não um homem, um Reinaldo, Arnaldo,

Aldo ou Geraldo, pois se tivesse um nome de “homem” grifado nos textos de Raquel, seria importante. No ensaio “Repensando a história literária”, Ria Lemaire (1987) rememora que o exercício da escrita por muito tempo, e em alguns espaços até hoje, coube predominantemente ao homem. Não só o exercício da escrita, mas o da arte em geral, eram destinados aos homens. Raquel “mostra que é possível ser mulher criadora, conseguindo libertar-se do papel insignificante destinado à mulher na escrita” (CRISTÓFANO, 2011, p. 7), e não só o de ser escritora, mas ela reconhece que pode fazer coisas independentemente de ser mulher, e que a opressão relacionada ao mundo sexualmente hierarquizado não é justa (BOURDIEU, 2014, p. 84), pois há uma naturalização das prescrições relacionadas ao sexo feminino.

Ao longo da narrativa a menina vai adquirindo sua identidade feminina, e sua identidade se fortalece quando ganha um guarda-chuva mulher, que escolheu ser mulher:

Na hora do guarda-chuva nascer, quer dizer, na hora que ele foi feito, o homem lá da fábrica - que era um cara muito legal e que gostava de ver as coisas gostando do que elas tinham nascido - perguntou:  
– Você quer ser guarda-chuva homem ou mulher?  
E ele respondeu: mulher. (NUNES, 1984, p. 48)

260

Também quando conhece uma família cujos papéis não são definidos pelo gênero, cada um desempenha todas as funções, de forma igualitária, sem pensar em funções “de homem” ou “de mulher”: “Às vezes a gente quer muito uma coisa e então acha que vai querer a vida toda. Mas aí o tempo passa. E o tempo é o tipo do sujeito que adora mudar tudo.” (NUNES, 1984, p. 49). É neste contexto que a vontade de ser homem vai diminuindo.

[...] E, por falar em curtidão, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo? Quem sabe eu podia ser que nem Lorelai? (NUNES, 1984, p. 103).

Raquel deseja bastante ser menino pelos “privilégios” que ela passaria a ter. De acordo com Tiburi (2018), tal desejo se deve basicamente ao fato de o

machismo fazer parte do modo orgânico de se pensar, agir e sentir, e por isso é tão difícil pensar diferente. Os privilégios dos homens - pela prática antiga imposta pelo patriarcado - fazem com que Raquel veja as possibilidades que ela poderia ter, só que em uma manifestação mais simples, por ela ser criança.

O patriarcado defende a existência de apenas dois sexos e atribuições prontas para as pessoas, como uma programação. No caso da obra analisada, meninas devem ser recatadas para casar e meninos podem ser aventureiros, e “Essa condição feminina depende de um discurso, de uma espécie de texto que é dito diariamente ou de um subtexto que permanece secreto.” (TIBURI, 2018, p. 65). As marcas disto na sociedade são enraizadas, como nas tarefas subordinadas às mulheres, como vocação ou essência feminina, e isso faz com que

[...]as vítimas de dominação simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido do termo) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação. (BOURDIEU, 2014, p. 85)

No caso do livro, um exemplo claro é o da irmã de Raquel encarar a “virtude” de ser mulher e esperar que um marido a sustente.

Essa irmã que eu tô falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que é que ela é mais: se bonita ou mascarada. Imagina que outro dia ela me disse: “Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade.” (NUNES, 1984, p. 14)

É o “romantismo” das relações familiares, tão cruel com as mulheres, mas taxado como normal para a manutenção do casamento e da maternidade (Tiburi, 2018). De acordo com Pierre Bourdieu, a divisão entre os sexos parece estar naturalizada, ao ponto de ser inevitável e objetivado nas coisas, na sociedade, nos corpos e nos hábitos das pessoas, por isso é tão difícil reverter a dominação masculina na sociedade, pelos mecanismos históricos e pela eternização das estruturas da divisão sexual, que privilegia um sexo: o masculino. E, “Se pensarmos em termos de signos usados para marcar corpos,

diremos que a mulher é o ser marcado para servir ao mundo do privilégio patriarcal.” (TIBURI, 2018, p. 66). Se os corpos femininos estão marcados pelo poder masculino então

Podemos considerar também que a violência é usada para evitar o poder daqueles que são marcados pela violência. Nesse sentido, uma pergunta deve ser feita por todas: haveria, para os seres heterodenominados “mulheres”, alguma chance de fazerem parte da humanidade que não fosse sob o jugo daqueles, que, como algozes, as heterodenominaram? É possível fazer parte da democracia quando se está ainda confinada ao lar ou às regras heterodefinidas? As regras do poder impostas à vida feminina - entre elas o “ficar em casa” como “bela-recatada-do-lar” - não seriam simplesmente repetidas na ordem pública para autossustentação do poder masculino? (TIBURI, 2018, p. 110)

Inúmeras questões permeiam o ser mulher em uma sociedade opressora. São concepções definidas dentro de uma sociedade patriarcal, como ser recatada, do lar, feminina, sensual, mãe, em um contexto da concepção masculina de mulher. “Talvez seja realmente difícil compreender a dominação masculina, porque estamos mergulhados nela. A própria ideia de compreensão é controlada pelo sistema patriarcal.” (TIBURI, 2018, p. 70).

Como forma de opressão, os discursos incessantes do que é ou não permitido ao sujeito feminino tornam-se violência contra a liberdade e contra os corpos femininos. De acordo com Tiburi, “É um fato que a violência contra as mulheres é uma constante cultural e continua a crescer em todas as sociedades.” (2018, p. 106) a violência em que Raquel está inserida não parte da premissa de ferir o corpo, violência física, mas se insere na ordem simbólica. De acordo com Xavier Crettiez, partindo dos conceitos de violência simbólica, a violência se constitui como artifício relativo, pois é

[...] percebida conforme a época, os meios sociais, os universos culturais. [...]Esse aspecto deve nos recordar que, para existir em si mesma, a violência deve ser designada, visto não existir em si mesma, sendo fruto de um contexto e de uma luta de poder.(CRETIEZ, 2011, p. 10, 11),

os discursos reverberados na sociedade brasileira revelam a banalização da violência, tornando-se não-violência em um contexto social marcado por barbáries, como impedimento da autonomia e das escolhas da mulher, até mesmo a tentativa de censura do próprio livro *A bolsa amarela*. Mesmo com todas as questões importantes que perpassam o texto literário e toda repressão que Nunes enfrentou ao escrever uma obra de caráter feminista, ainda reverbera em 2019 o discurso dominante sobre os corpos femininos, e pelo teor autoritário em que se baseia, se constitui como violência simbólica, que de acordo com Bourdieu, mascarando as relações de poder.

[...]a violência simbólica funciona graças a um duplo mecanismo de reconhecimento e de desconhecimento. A dominação de uns só é possível - com exceção dos casos, raros em democracia, de apelo à força física - porque os dominados reconhecem como legítima a ordem social dominante, desconhecendo seu caráter arbitrário de ordem alienante. Segundo Bourdieu, esse mecanismo de “servidão voluntária” (La Boétie) é temível, pois a violência, invisível para aqueles sobre quem se exerce (e às vezes invisível até para aqueles em nome de quem se exerce), mostra-se totalmente interiorizada nos hábitos de cada um (sistema das inclinações individuais originadas da socialização de classe). Assim, a pior das violências simbólicas é a certeza de que “isso é natural”, que permite legitimar a ordem social “tal como ela é”, a saber, fundamentalmente injusta. (CRETTEZ, 2011, p. 13 e 14)

Em tempos sombrios e autoritários costuma-se atacar as obras de artes e os corpos que são de praxe dominados. Embora a Constituição Federal defenda a livre expressão artística, figuras políticas agem de forma conservadora a fim de censurarem a criticidade e a liberdade que a mulher conquistou nos espaços formais e informais da sociedade. Em 2019 (em democracia, depois de 46 anos do lançamento do livro e fora de uma ditadura militar) um vereador de São Paulo afirma que *A bolsa amarela* “afronta os princípios morais dos pais dos alunos” (Carta Capital, 2019). Um livro que questiona as repressões e que instiga a emancipação e libertação feminina é considerado imoral, ou na expressão famosa na boca de conservadores serve à “ideologia de gênero”. Esses discursos confirmam que muitas Raqueis terão que guardar seus desejos em bolsas, armários ou gaiolas, até que resistam ativamente contra os algozes

que controlam o governo, as empresas, os lares e todos os seguimentos importantes na sociedade.

Na narrativa, Raquel não poderia escolher ser escritora ou jogadora de futebol porque é mulher, mas em outras situações, a Raquel lhe seria negado o direito de estudo, de trabalho ou de liberdade financeira. Por isso, a exemplo de Raquel, é necessário romper com a dominação e os poderes, romper com todas as bolsas amarelas que aprisionam vontades e desejos, visto que a cultura patriarcal é construída e constituída em sociedade, e as sociedades mudam, e por conseguinte, as culturas também.

Todas essas situações - violências - criam uma rede de relações que fazem com que Raquel queira ser homem, não só por achar que eles têm privilégios, mas porque ela vê os privilégios em

seu cotidiano e esses são os motivos de Raquel querer assumir essa posição.

Por todas essas questões, a literatura infantojuvenil se faz necessária para contribuir para a formação das crianças e dos jovens - e mesmo dos adultos! O compromisso de levar as questões sociais para a literatura é de grande importância, e como questão emergente a problematização do preconceito contra a mulher. É muito importante incorporar ao lúdico e ao imaginário questões que permitem a reflexão sobre certos assuntos para as crianças. De acordo com Cristóvão,

Lygia Bojunga, por meio do seu perfeito domínio da técnica na construção da narrativa e a excelente união do individual e do social, inventa um novo “exemplo” na literatura infantil e juvenil, pois suas obras inovam na crítica lúdica e abordam a realidade social com o intuito de mostrar ao leitor que a vida não está pré-ordenada. (2011, p. 2)

Nas narrativas de Lygia, há a luta contra as diferenças de respeito entre os gêneros, mostrando aos meninos o quão injusto é a relação de privilégio sobre as meninas. Levar um livro que debata um tema como este é oferecer à criança um mundo imaginário em que o social também se encontra em debate.

O grande momento para a narrativa, de ruptura com as vontades que só engordavam, é o sonho de soltar pipa.

Minha vida foi melhorando. Eu já não inventava muita coisa, meu pessoal não ficava tão contra mim. Comecei então a achar que ser menina podia mesmo ser tão legal quanto ser garoto. E foi aí que as minhas vontades deram pra emagrecer. Emagreceram, emagreceram, até que um dia pensei: daqui a pouco elas vão sumir. As aulas começaram de novo. Uma noite eu sonhei que estava na praia soltando pipa. Acordei e falei pro Afonso:

– Sabe? Disseram que eu não podia soltar pipa.

– Por que?

– Falaram que era coisa de garoto.

– Ué!

– Tá vendo? Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro. Vamos lá na praia soltar pipa? O Afonso topou. Comecei a juntar as coisas que precisava: linha, tesoura, um vidro de cola. Pedi uns trocados pra minha mãe e fui na papelaria comprar umas folhas de papel, fino. (NUNES, 1984, p.109, 110)

O que seria uma brincadeira de garoto para sociedade machista e pelos discursos enfatizados pelas pessoas ao redor de Raquel, se torna o rompimento simbólico de ser mulher livre, de poder brincar qualquer brincadeira, de poder escrever e ser escritora, de aproveitar a infância e o mais importante: ser menina. A pipa, que atormentava tanto a vontade de Raquel, se torna o ápice de liberdade, o estopim para a garota não só tirar suas vontades da bolsa, mas para poder desfrutar de coisas que geralmente lhe eram negadas e ostentar para seus amigos que o jeito não era nascer garoto, mas sim compreender e desfrutar sua resistência-liberdade e poder voar como pipa, com seus desejos fora da bolsa, pois “A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve. E eu também, gozado, eu também estava me sentindo um bocado leve.” (NUNES, 1984, p. 115).

### Considerações finais

A finalidade das narrativas de Lygia Bojunga é discutir questões do próprio ser e de conhecimento do mundo. Há nelas uma função humanizadora, que é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante (CANDIDO, 1988, p. 180).

A leitura atua tanto no âmbito individual quanto no social. Mesmo estando em um mundo imaginário, a criança ou adulto é levado a refletir e a enriquecer a sua vivência e sua experiência, socializando sua experiência de leitura, compartilhando os saberes aprendidos e as opiniões. Portanto, retornando a Candido e a seu clássico *O direito à literatura*, concordamos que

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (1988, p. 175).

A literatura traz significação e reconhecimento, tem o poder humanizador, de aprendizagem, e por isso é tão importante discutir - por que querer ser homem? - em *A bolsa amarela* e em textos infantis e juvenis. Para Raquel, ensinaram apenas uma visão: “[...] Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro.” (NUNES, 1984, p. 110). Raquel, na lida direta com a vida real, começou “[...] então a achar que ser menina podia ser tão legal quanto ser garoto.” (NUNES, 1984, p. 109) e é pensando nessa possibilidade que se espera as meninas não precisem de bolsas para colocarem suas vontades, mas que apenas realizem seus desejos.

Se, do hebraico, considerarmos que Raquel significa “ovelha” e, por extensão, “mulher mansa” ou “a pacífica”, podemos ver que a personagem se rebela contra aquilo que se inscreve em seu nome, a saber, a submissão a valores masculinos, patriarcais. Nem branca, nem negra, talvez a ovelha de Lygia, Raquel, seja - diferente de todas - uma ovelha amarela.

### Referências:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ARGÜELLO, Zandra Elisa. *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*. UFRGS, PPGE, 2005. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6961/000537801.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263. Disponível em: <<https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

CARTA CAPITAL. Disponível em: <<https://biblioo.cartacapital.com.br/oito-livros-que-sofreram-tentativa-de-censura-recentemente-no-brasil/>>. Acesso em: 09 de dezembro de 2019.

CRISTÓFANO, Sirlene. O discurso feminino em *A bolsa amarela*: a busca pela libertação da mulher. REEL - *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.publicacoes.ufes.br/?journal=reel&page=article&top=view&path%5B%5D=3723>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

LEMAIRE, Ria. Repensando a história literária. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 58-71.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. 2 reimpressão, São Paulo: Boitempo, 2014.

NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. 10. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

CRETTEZ, Xavier. As formas da violência. 1 ed. São Paulo: Edições Loyola, São Paulo, 2011.